



Um estudo sobre o licenciamento e a interpretação de “pouco” em português do Brasil (PB)

A survey on the licensing and the readings of “pouco” in Brazilian Portuguese (BP)

Ana Paula Quadros Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
anaquadrosomes@letras.ufrj.br

Juliana Santos Delduque

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
julidelduque@gmail.com

Resumo: Este artigo visa dar conta das condições de licenciamento e distribuição de “pouco” em PB, utilizando as ferramentas teóricas da semântica formal. Adotamos uma teoria de graus na linha de Kennedy e McNally (2005). Tratamos “pouco” como um modificador de graus do tipo redutor/minimizador, que realiza a mesma operação em todos os domínios: adjetival, verbal e nominal. Defendemos que os casos em que a inserção de “pouco” gera agramaticalidade (*“Falta pouco um mês para as férias”, *“Os poucos dois alunos vieram para aula”, *“Maria correu pouco uma maratona domingo” etc.) não são fruto de desrespeito a regras sintáticas, e sim à seleção-semântica (s-seleção). “Pouco” seleciona expressões graduáveis de escala aberta. No domínio adjetival, o efeito das escalas se dá no produto da modificação de “pouco”: o sintagma formado por redutor + adjetivo terá sempre escala aberta, independentemente do tipo de escala do adjetivo modificado. No domínio verbal, “pouco” opera sobre verbos inerentemente graduais e sobre dimensões aspectuais escalares. Mostraremos que sentenças com “pouco” em Sintagmas Verbais (SVs) só serão bem formadas quando for modificada uma escala de grau não-máximo. Em dimensões aspectuais, isso implica ou a atelicidade ou a imperfectividade do evento denotado pelo SV. No domínio nominal, “pouco” opera sobre nomes inerentemente graduáveis e sobre a dimensão de quantidade. Sintagmas Nominais (SNs) com leitura de cardinalidade vaga ou de volume apresentam

escalas abertas. O tratamento que assumimos explica a interpretação dos sintagmas modificados pelo redutor e prevê com sucesso os contextos em que sua inserção gerará agramaticalidade.

Palavras-chave: licenciamento e distribuição de “pouco”; semântica; advérbios intensificadores.

Abstract: This article tackles the licensing and the distribution of “pouco” (BP), employing Formal Semantics theoretical tools. We adopt a degree semantics in the lines of Kennedy and McNally (2005). In our view, “pouco” is a degree modifier, a minimizer/diminisher, performing the same operation in the adjectival, verbal and nominal domains. We claim that the cases of ungrammaticality by the insertion of “pouco” (*“Falta pouco um mês para as férias”, *“Os poucos dois alunos vieram para aula”, *“Maria correu pouco uma maratona domingo” etc.) should not be attributed to syntactic rules, but to semantic selection (s-selection) instead. “Pouco” selects gradable expressions with open scales. In the adjectival domain, the scale effect appears on the modification product: the phrase containing “pouco” and the adjective will be always an open scale, regardless of the modified adjective scale type. In the verbal domain, “pouco” ranges over inherently gradable verbs or over aspectual scalar dimensions. We show that sentences with “pouco” in Verbal Phrases (VPs) are only well formed if the modified scale has a non-maximal degree. In aspectual dimensions, that means the atelicity or imperfectiveness of the event denoted by the VP. In the nominal domain, “pouco” modifies inherently gradable nouns and the quantity dimension. Noun Phrases (NPs) with vague cardinality or with a volume reading have open scales. Our approach explains the readings found in phrases modified by the minimizer and also successfully predicts in which contexts it will produce grammaticality.

Keywords: licensing and distribution of “pouco” (Brazilian Portuguese); semantics; intensifiers.

Recebido em 12 de fevereiro de 2019

Aceito em 16 de junho de 2019

1. Introdução

A gramática tradicional (GT) classifica “pouco” de diversas maneiras, conforme o ambiente gramatical em que ele está e a função sintática ali exercida, ou conforme a categoria do elemento modificado: “pouco” aparece na GT como artigo, advérbio de intensidade, substantivo masculino ou pronome indefinido. Essa multiplicidade de classificações

na GT reflete a irrestrita circulação de “pouco” pelos domínios. Uma tão ampla distribuição merece ser explicada. “Pouco” é onipresente por não realizar nenhuma seleção categorial. Enquanto “lentamente” só incide sobre eventos, operando apenas sobre sintagmas verbais (SVs); “dentro” relaciona dois lugares (literal ou metafóricamente), atuando exclusivamente com sintagmas nominais (SNs); e “extremamente” somente intensifica adjetivos, alguns modificadores de grau extraordinários, como “muito” e “pouco”, aparecem tanto modificando SVs (“Eu dormi pouco/muito”) e SNs (“Poucos/Muitos alunos faltaram”) quanto Sintagmas Adjetivais (SAs) (“João é pouco/muito inteligente”). Se essa liberdade de atuação pelos domínios verbal, adjetival e nominal significa que advérbios como “pouco” não são sensíveis à categoria da expressão modificada, isso não significa que eles sejam sempre licenciados; como os exemplos abaixo ilustram, há sentenças perfeitas sem “pouco” que se tornam agramaticais quando ele é inserido:

- (1) a. Chegamos em casa agora.
b. * Chegamos pouco em casa agora.
- (2) a. Pedro comprou três bananas.
b. * Pedro comprou três poucas bananas.
- (3) a. Metade das armas do País é ilegal.
b. * Metade das armas do País é pouco ilegal.

A proposta deste artigo é apresentar uma explicação para os fatos ilustrados de (1) a (3). Para dar conta desses exemplos e de outros, a serem apresentados adiante, indicando fatos sobre a distribuição e a interpretação de “pouco”, propomos que “pouco” é um modificador que não faz seleção categorial, mas faz seleção semântica (s-seleção): ele seleciona um tipo de escala, a escala aberta, e, nas sentenças malformadas após sua inserção, a expressão a ser modificada por ele ou não é escalar ou apresenta escala fechada. A seleção de tipos de escala por modificadores é prevista por uma semântica de graus nos moldes de Kennedy e McNally (2005). Os autores, com base num estudo de corpos, mostraram que os advérbios intensificadores do inglês “*very*”, “*much*” e “*well*” estão em distribuição complementar, ou seja, que, no corpus examinado, há adjetivos modificáveis exclusivamente por

um desses advérbios, não sendo modificados pelos demais. Os autores provaram, apresentando testes linguísticos independentes dessa seleção por advérbios em estudo, que os adjetivos podem ser agrupados pelas propriedades escalares que apresentam. A complementaridade encontrada entre os adjetivos modificados por “*very*”, “*much*” e “*well*” é explicada assumindo que esses intensificadores fazem s-seleção, escolhendo certas características da estrutura lógica das escalas em detrimento de outras. Em outras palavras: esses intensificadores são especializados em certos tipos de escala. Entraremos em detalhes sobre essa teoria logo mais, na seção 2, quando discutirmos os fatos de “pouco” modificando adjetivos. Em consonância com a semântica de graus, daqui em diante vamos nos referir a “pouco” não mais como “advérbio” ou “intensificador” (ou por qualquer dos rótulos propostos pela GT), mas como “modificador de graus”. (Examinaremos como se dá a operação de modificação de graus que justifica tal mudança de nomenclatura na seção 2.).

Como uma das consequências de tratar “pouco” como um modificador de graus especializado em escalas abertas, seria de esperar que, de alguma forma, a semântica das expressões produzidas por “pouco” fosse a mesma, uma vez que, independentemente de o sintagma modificado ser verbal, nominal ou adjetival, o tipo de escala apresentado satisfaz a s-seleção do modificador. Assim, apesar de “pouco” transitar por diversos domínios, ao contrário do que propõe a gramática tradicional (para quem há um artigo, um advérbio de intensidade, um substantivo masculino e um pronome indefinido que, por coincidência, recebem uma forma morfofonológica idêntica), defenderemos que não há polissemia: seja no domínio verbal, nominal ou adjetival, é o mesmo “pouco” que está modificando expressões graduais. Um mesmo modificador de graus pode operar sobre sintagmas das mais diversas classes, desde adjetivos de grau (4) até nomes plurais (5), passando por verbos inerentemente graduais (6), verbos eventivos (7), nomes de massa (8) e nomes inerentemente graduais (9), mantendo um significado único, aquele atribuído por Kennedy e McNally (2005) a redutores/ minimizadores, como pode ser compreendido das paráfrases nas letras (b) abaixo:

- (4) a. A aluna é pouco estudiosa.
- b. A aluna é menos estudiosa do que deveria ser.

- (5) a. Tem poucas pessoas na festa.
b. Tem menos pessoas na festa do que era esperado.
- (6) a. Maria gosta pouco do trabalho dela.
b. Maria gosta menos do trabalho dela do que seria o ideal.
- (7) a. Essa música toca pouco no rádio.
b. O tanto de vezes que a rádio executa essa canção é menor do que o esperado.
- (8) a. Há pouco óleo na garrafa.
b. O tanto de óleo que sobrou na embalagem é menor do que o necessário.
- (9) a. Estou com pouco sono.
b. O grau de sono que eu experimento é menor do que o normal.

Como a semelhança entre as paráfrases das sentenças de (4) a (9) indica, o modificador de graus “pouco” realiza a mesma operação em qualquer domínio, adjetival, verbal e nominal. A natureza dessa operação será esmiuçada nas próximas seções, bem como serão indicados os fatores que a favorecem ou que impedem que ela se aplique. Dividimos o artigo por domínios. Na seção 2, trataremos de “pouco” no domínio adjetival; na seção 3, trataremos de “pouco” no domínio verbal; e na seção 4, trataremos de “pouco” no domínio nominal. A quinta e última seção é a conclusão, em que retomamos os pontos comuns à modificação por “pouco” em todos os domínios, mostrando que todos os casos podem ser explicados por sua s-seleção, e fazemos um balanço dos ganhos gerados por nossa proposta.

Antes de prosseguirmos, para não alimentarmos falsas expectativas, gostaríamos de avisar ao leitor de que não vamos tratar de “um pouco” neste artigo. Para que os motivos dessa reserva sejam compreendidos, precisamos situar brevemente “um pouco” em relação a “pouco”. A literatura (ver HEIM, 2007; DUCROT, 1973; GOMES; SANCHEZ-MENDES, 2015) observa que, em várias línguas, um determinado tipo de modificador de grau, justamente o descrito como redutor/minimizador, aparece em duas formas: numa está acompanhado de artigo indefinido, e na outra não. Os pares “*little*” / “*a little*”

(inglês), “*peu*” / “*un peu*” (francês) e “pouco”/ “um pouco” (português) exemplificam o fenômeno. A distribuição e interpretação dos dois membros de cada par não é completamente coincidente. No Brasil, foi a semântica da argumentação, de Ducrot (1977), a que mais se debruçou sobre a diferença na interpretação dos membros do par. Para o autor, um membro do par aponta para a suficiência, e o outro, para a insuficiência. Por exemplo, dada a pergunta “Mas você tem certeza de que está em condições de dirigir?”, a interpretação mais saliente para a resposta “Eu dormi um pouco” é “sim, acho que consigo dirigir”, enquanto que a resposta “Eu dormi pouco” é usualmente compreendida como “não, acho que não estou bem o bastante para dirigir”. Na semântica formal, gostaríamos que a interpretação do complexo “um pouco” fosse um resultado da composição entre a semântica de seus dois termos, “um” e “pouco”; mas essa é uma tarefa para pesquisas futuras. No âmbito deste artigo, vamos nos ater à forma sem o artigo, “pouco”. Começando pelo domínio dos adjetivos.

2. “Pouco” no domínio adjetival

Dado que tratamos “pouco” como um modificador de graus especializado em escalas abertas, e ele modifica alguns adjetivos como “estudiosa” (4) mas não pode modificar outros, como “ilegal” (3), nossa hipótese é que adjetivos como “estudiosa” atendam aos critérios da s-seleção de “pouco”, mas adjetivos como “ilegal” não. Para podermos construir uma argumentação sólida nesse sentido, precisamos primeiramente apresentar a teoria que sustenta nossa análise, a semântica de graus. Para Kennedy e McNally (2005), os adjetivos se dividem em adjetivos graduais ou adjetivos de grau (AGs) e adjetivos sem grau. Os autores propõem testes para separar os AGs dos sem grau. Os adjetivos de grau aceitam intensificação (10), podem entrar em estruturas comparativas (11) e têm opostos:

- (10) a. A árvore é bastante/muito/ pouco alta.¹
- b. * Jean Willis foi bastante/muito/pouco eleito por 31% dos votos válidos.

¹ Dados de Delduque (2016).

(11) a. A árvore é mais alta que a casa.

b. * Marcelo Freixo foi mais eleito que Jean Willis.

Segundo os testes em (10) e (11), podemos observar que “alta” é um AG, enquanto “eleito” é um adjetivo sem grau. Além disso, só os AGs possuem opostos: “alto” – “baixo”, “aberto” – “fechado”, “seco” – “úmido” etc., mas os sem grau não. Qual seria o oposto de “eleito”?

Agora que temos como separar AGs dos adjetivos sem grau, vamos examinar a proposta teórica que explica essa diferença de comportamento entre expressões da mesma categoria. Segundo Kennedy e McNally (2005), sentenças com AGs são comparativas implícitas. Nessa visão, uma sentença como “A árvore é alta” significa que o grau de altura da árvore é maior que o de algum parâmetro de comparação não pronunciado, que é recuperado no contexto. Se o falante pensar numa casa como parâmetro, então a sentença “A árvore é alta” será uma versão abreviada de (11a): sempre que uma for verdadeira, a outra também será. Elas apresentam as mesmas condições de verdade. Se pensarmos que a casa tem 3m de altura e a árvore tem 4m, a árvore será considerada alta perto da casa. Mas se compararmos essa árvore com outra coisa, o julgamento do valor de verdade da sentença “A árvore é alta” pode mudar. Por exemplo, se compararmos a árvore de 4m com um prédio de 10m, a árvore não será considerada alta, e a sentença “A árvore é alta” será julgada falsa. Como os falantes podem escolher livremente o parâmetro de comparação em comparações implícitas, os julgamentos de valor de verdade podem variar. Por exemplo, se Maria diz a João “A árvore é alta” tomando a casa de 3m como parâmetro, mas João ao ouvir a sentença assume o prédio de 10m como parâmetro, eles vão discordar. Isso quer dizer que adjetivos como “alto” são comparações implícitas de superioridade: para uma sentença como *x* é alto (um equivalente de *x* é mais alto que *y*, em que *y* não é pronunciado) ser verdadeira, o grau de altura de *x* tem de ser superior ao de um parâmetro de comparação contextual (*y*). O adjetivo oposto (“baixo”) está na mesma escala, no caso, a de altura, mas vai na direção inversa: é uma comparação de inferioridade. A verdade de uma sentença do tipo *x* é baixo (em que *x* é um SN apresentando a propriedade escalar de altura, equivalente a *x* é mais baixo que *y*, sem que *y* seja pronunciado) exige que o grau de altura de *x* seja inferior ao do parâmetro de comparação contextual (*y*).

Uma escala é uma sucessão de graus de uma propriedade, ordenados de forma crescente. Os AGs apresentam estruturas de escala diferentes (aberta; parcialmente fechada; totalmente fechada) (KENNEDY; McNALLY, 2005). Adjetivos em que não se pode prever se o parâmetro contextual de comparação terá grau maior ou menor que o do argumento do adjetivo, como é o caso de “alto”, são de escala aberta. A escala aberta é uma escala em que uma ponta é fixa, dada pelo grau do argumento do AG, mas a posição da outra ponta em relação ao grau do argumento nominal do adjetivo não foi previamente fixada.

Num segundo tipo de escala, a totalmente fechada, temos uma comparativa implícita de igualdade entre o grau da propriedade exibido pelo argumento do AG no momento a que a sentença se refere e um estado limite desse indivíduo. Pelo fato de o parâmetro ser sempre esse estado limite, o julgamento da verdade de sentenças com AGs de escala totalmente fechada, como é o caso da escala de ocupação, de que participam os opostos “cheio” e “vazio”, não varia com o contexto. Um copo será considerado vazio se o exibir um grau de ocupação igual a 0% de preenchimento; se adicionarmos qualquer quantidade de líquido em um copo, ele deixará de ser vazio. Um copo está cheio quando seu conteúdo atinge 100% de preenchimento, se a capacidade total do copo é 300 ml e adicionarmos 350 ml, o copo irá transbordar. Dada a escolha padrão desse parâmetro não pronunciado, o julgamento do valor de verdade de sentenças como “o copo está vazio” pelos falantes costuma convergir.

Há um terceiro tipo de escala, a escala parcialmente fechada, em que o grau de uma ponta é fixo (daí a ponta ser fechada), mas o grau da outra ponta é flexível. Se a escala é parcialmente fechada, um dos AGs que participam dela será uma comparação de igualdade (o da ponta fechada) e seu oposto será uma comparação de superioridade (o AG da ponta aberta). Por exemplo, vamos considerar a propriedade da umidade: uma roupa no varal é considerada seca se tiver exatamente 0% de umidade; e estará molhada com qualquer grau maior que zero de umidade, independentemente de o nível de umidade ser 5% ou 100%. O AG “seco”, a ponta fechada da escala, é uma comparação de igualdade entre o estado atual da roupa e essa referência. Já o AG “molhado”, a ponta aberta da escala, requer que a roupa apresente um grau diferente (para cima) de zero, ou seja, maior que o parâmetro. Dizemos que as escalas parcialmente fechadas têm uma ponta aberta, que corresponde

a um adjetivo de grau mínimo (“molhado”), e uma ponta fechada, que corresponde a um adjetivo de grau máximo (“seco”).

Bem, foi proposto que os modificadores de AGs reconhecem e distinguem essa variedade de estruturas de escala. Modificadores de AGs tomam uma escala de certo tipo e acrescentam nova condição para a verdade da sentença. Dito de outro modo, os modificadores alteram a interpretação do grau do adjetivo pedindo que mais uma condição seja satisfeita. Vejamos a diferença entre os modificadores:

- (12) a. João é alto.
- b. João é muito alto.
- c. João é pouco alto.²

Consideremos contextos diferentes. No primeiro, João tem 6 anos e 1,4m, e seu irmão de 8 anos mede 1,3m. Nesse contexto, a sentença (12a) pode ser considerada verdadeira. “João é alto” será verdadeira se o grau de altura dele for só um pouquinho superior ao do parâmetro de comparação contextual. Mas, nesse mesmo contexto, dificilmente (12b) será considerada verdadeira. Para ser tido como “muito alto”, não basta que o grau de altura de João seja o maior entre os comparados: além disso, a diferença entre os dois tem de aumentar. Daí a ideia de que “muito” é um ampliador. No mesmo contexto, (12c) não é apropriado (atenção: não estamos dizendo que “João é um pouco alto”, mas que ele “é pouco alto”).

Agora vamos imaginar um contexto distinto. João continua com 1,4m, e ele quer pegar alguma coisa que está sobre o armário de 2,5m, sem usar escadas. Ele não vai alcançar, nem esticando os braços ao máximo.

² Agradecemos a um dos pareceristas anônimos, que apontou que a sentença (12c) lhe pareceu estranha e relatou não ter encontrado no Google exemplos qualificando alguém como “pouco alto”. Entendemos que a sentença é realmente rara, mas por razões pragmáticas. Ela não é agramatical. Dada a semântica que propomos para “pouco”, (12c) significa que João tem altura abaixo de um padrão contextual, o que é uma avaliação negativa de uma propriedade inerente num humano adulto; esse tipo de crítica não está de acordo com as regras da cortesia do PB. É mais tranquilo achar “pouco” em uso para dizer que um objeto é menos alto do que deveria. De fato, encontramos com facilidade numa busca no Google sentenças como “a mesquita é separada do hipódromo por um muro pouco alto”, e registros de uma mulher com “um sapato pouco alto” (a qual não atingia, calçada, nem 1,7m).

Nesse contexto, a sentença (12a) é falsa, já que o grau de altura de João não supera o grau do parâmetro contextual de comparação, o armário. Naturalmente, (12b) também é falsa nessa situação, visto que o ampliador requer que o grau de altura de João seja o maior entre os comparados (o que não ocorre) e que a diferença entre ambos seja grande (o que também não ocorre). Mas (12c) é verdadeira nesse contexto, podendo ser usada para expressar que João tem menos altura que a necessária para alcançar aquilo que está em cima do armário.

Que diferença semântica a inserção de “pouco” em (12a) faz, então? Ou, perguntando de outro modo, qual é a diferença entre (12a) e (12c)? Podemos dizer que a contribuição de “pouco” é indicar que o grau da propriedade atribuído ao argumento do adjetivo está abaixo do parâmetro. Por isso, modificadores de grau como “pouco” são redutores/minimizadores (cf. KENNEDY; McNALLY, 2005). As sentenças (12a) e (12b) são comparações implícitas de superioridade, mas (12c) é uma comparação implícita de inferioridade. Na mesma escala, a da propriedade de altura, enquanto “alto” (12a) e “muito alto” (12b) apresentam uma mesma direção (o grau do argumento está acima do grau do parâmetro), (12c) apresenta a direção inversa (o grau do argumento está abaixo do grau do parâmetro).

Em inglês, segundo os próprios Kennedy e McNally (2005), os modificadores de grau são especializados em modificar AGs com certo tipo de escala: “*very*” s-seleciona escalas abertas, “*well*” s-seleciona escalas fechadas no grau máximo e “*much*” s-seleciona escalas fechadas no grau mínimo. Os autores defendem ainda que os redutores selecionam as pontas abertas de escalas fechadas (“*slightly wet*” “ligeiramente molhado”, *“(slightly full)” “ligeiramente cheio”). Bogal-Allbritten (2012) afirma que os redutores também selecionam escalas abertas, mas há um maior custo de processamento. Para todos esses autores, não são bem formadas as combinações entre redutores e adjetivos de grau máximo. Isso não pode ser estendido aos redutores do português, uma vez que “pouco” modifica AGs de escala aberta, como vimos em (12c), de escala fechada no grau mínimo (“O sapato está pouco sujo, considerando que passamos por tantas poças de lama”) e de escala fechada no grau máximo (“O chão ainda está pouco limpo, esfregue mais”). Como lidar com essa diferença seletional entre os modificadores de grau do inglês e os do português, sobretudo quanto aos redutores, o tema deste artigo?

Seguiremos Gomes (2010), que afirma que o efeito das escalas é universal, mas os parâmetros variam de uma língua para outra: em inglês é na seleção do item modificado e em PB o efeito do tipo de escala é no produto. Segundo essa proposta, “pouco” modifica qualquer AG, mas, seja qual for a estrutura de escala do AG modificado, o produto da modificação de um AG por “pouco” é invariavelmente uma escala aberta, em que o a denotação do nome modificado por “pouco” AG apresenta o grau mais baixo entre os comparados. Vejamos:

- (13) a. A roupa estava pouco molhada.
- b. A roupa está pouco seca.
- c. João é pouco alto. (=12c)

Todas as sentenças em (13) são bem formadas, contendo a primeira um AG de escala fechada no grau mínimo, a segunda um AG de escala fechada no grau máximo, e a terceira, como já vimos, um AG de escala aberta. Isso é inesperado para a literatura. Kennedy e McNally (2005) preveem que tanto (13b) quanto (13c) sejam agramaticais, enquanto Bogal-Allbritten (2012) previa que (13b) fosse agramatical. Mas, embora os exemplos em (13) mostrem que em PB os modificadores de graus não fazem distinção entre estruturas de escala na s-seleção dos AGs que modificam, há uma regularidade na interpretação. Sempre que “pouco” modifica um adjetivo, o produto é uma comparação de inferioridade. Já discutimos (13c); em (13a), o grau de umidade da roupa precisa estar abaixo do parâmetro contextual; e em (13b), o grau de secura da roupa precisa estar abaixo de um parâmetro contextual; ambas as sentenças podem expressar que a roupa está menos molhada/seca do que o esperado, dadas as circunstâncias. Assim, (13a) implica que o falante desejava que a roupa estivesse mais molhada do que se encontra, e (13b) expressa o oposto, que o desejo era o de que a roupa que estivesse mais seca do que se encontra.

A seleção semântica é por adjetivos de grau; o produto da modificação é sempre uma escala aberta, em que o nome modificado pelo adjetivo apresentado o grau mais baixo entre os comparados. Portanto, se o tipo de escala não influencia no licenciamento ou não de um adjetivo para modificação por “pouco”, o sintagma resultante da modificação mostra sensibilidade aos tipos de escala, sendo o tipo de escala do conjunto previsível. O produto da modificação por “pouco”

no domínio adjetival é sempre uma escala aberta (mesmo quando o AG modificado é de escala fechada).

Dado que “pouco” introduz uma comparação implícita de inferioridade, faz sentido que haja muita sensibilidade contextual ao licenciamento de “pouco” + AG em contextos avaliativos e expressivos. Entendemos o motivo pelo qual “pouco” é mais natural com AGs de avaliação negativa do que com AGs de avaliação positiva. A razão é pragmática. É preciso um contexto especial para que a máxima da Polidez “nunca aponte os defeitos das outras pessoas” possa ser atravessada. Por exemplo, “João é pouco chato, se comparado a Pedro”, significa que a chatice de João está abaixo da de Pedro; ou seja, inserir “pouco” em “João é chato” diminui a chatice de João. Já “Maria é pouco bonita” não é elogioso, exatamente por reduzir o grau da beleza de Maria. Assim, o resultado da modificação de adjetivos por “pouco” sofre restrições pragmáticas, justamente pelo significado gerado, que diz que algo/ alguém não alcança um parâmetro de comparação. Quando o parâmetro de comparação for um padrão positivo, como “bonito”, inserir “pouco” corresponderá a uma crítica. Quando o parâmetro de comparação for um padrão negativo, como “chato”, inserir “pouco” atenuará a crítica.

3. “Pouco” no domínio verbal

Começamos pelo domínio adjetival por facilitar a introdução de conceitos teóricos como escalas, estruturas de escala e modificadores de grau. Mas começamos pelo menos típico. No domínio verbal, a sensibilidade de “pouco” a estruturas de escala se manifesta claramente na seleção do SV modificado. No SV, a distribuição de “pouco” é fortemente condicionada pela existência de graus ou escalas. Diferentemente do que acontece com os adjetivos, no caso do domínio verbal “pouco” não modifica qualquer escala aspectual, mas seleciona um determinado tipo, como veremos adiante. Nesse sentido, o comportamento de “pouco” no domínio verbal se aproxima mais do comportamento descrito para os redutores de inglês no domínio adjetival.

Vamos aos fatos que precisam de explicação. Assumindo que “pouco” em SVs ocupe sempre a mesma posição sintática, não temos razões estruturais para o fato de que sentenças bem formadas na ausência de “pouco” se tornem agramaticais quando o modificador de graus é inserido, como por exemplo:

- (14) a. Maria guardou (*pouco) o livro na estante.
 b. Ele chegou (*pouco) há 10 minutos.
 c. A água esquentou (*pouco) até 100 graus.
 d. O almoço será (*pouco) servido aos convidados.
 e. A moça passou (*pouco) no vestibular.
 f. Andrea foi (*pouco) à igreja neste domingo às 7 horas.
 g. João está (*pouco) na fila agora.
 h. Paulo morreu (*pouco) ontem.
 i. Carlos será (*pouco) dentista.³

Por que a inserção de “pouco” nesses diversos SVs é agramatical? O que impede a modificação desses SVs por “pouco”?

Retomando o que vínhamos dizendo, neste artigo pretendemos fazer generalizações que permitam prever os casos onde “pouco” será (a)gramatical em SVs, a partir das nossas hipóteses. Prevemos que “pouco” poderá modificar todos os SVs de grau inerente, desde que eles não marquem o grau extremo, máximo da propriedade; mas não todos os sem grau inerente. Entre esses últimos, há dimensões aspectuais que apresentam tipos de escala. “Pouco” é sensível à natureza da escala dessa dimensão aspectual. Neste ponto, é preciso esclarecer o que entendemos por “dimensão aspectual”. Ao tratar de adjetivos de grau, dissemos que uma escala é uma sucessão de graus de uma propriedade, ordenados de forma crescente. Uma propriedade é uma dimensão. Por exemplo, os adjetivos “alto” e “baixo” associam seu argumento a um grau na dimensão de ALTURA. Já “cheio” e “vazio” associam seu argumento a um grau na dimensão de OCUPAÇÃO. Adjetivos apresentam como dimensões propriedades de indivíduos. Sintagmas verbais (SVs) denotam tipos de eventualidade⁴ (“comprar o juiz de futebol”, “chutar o balde”, “pedir água”). Os SVs são classificados por Vendler (1957) em categorias aspectuais: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*, como veremos mais adiante. Essa divisão, conhecida como em classes acionais, separa os SVs segundo propriedades ou dimensões aspectuais. Essas

³ Dados de Delduque (2017) e de Delduque e Gomes (2018).

⁴ Eventualidade é o nome genérico usado pela semântica formal para “acontecimentos”, “estados de coisas” ou situações localizadas numa coordenada espaço-temporal ou estendidas por um intervalo de tempo.

dimensões são projetadas por tipos de eventualidade. Por exemplo, mudança de estado é uma dimensão encontrada em SVs dinâmicos (atividades, *accomplishments* e *achievements*), mas ausente em estados. Já a duração (distância entre o momento inicial e o final da eventualidade) é uma dimensão encontrada em estados, atividades e *accomplishments*, mas ausente em *achievements*. A telicidade, por sua vez, só está presente em *accomplishments* e em *achievements*. A dimensão aspectual “progressão para a culminância” só é encontrada em *accomplishments*, pois requer um intervalo temporal entre o início e a culminância da eventualidade. Outra dimensão aspectual é a frequência ou iteratividade, que denota uma repetição do mesmo tipo de eventualidade, formando uma quantidade plural; para poder repetir o tipo de eventualidade, é preciso ter episódios, ou seja, múltiplas eventualidades culminadas; por isso, estados não apresentam a dimensão de frequência. Tais dimensões são aspectuais porque dependem da classe acional do SV. Algumas delas são graduais, e, portanto, escalares, como a de frequência e a de duração; mas a telicidade não é escalar (ou uma eventualidade culmina, ou não); e a progressão para a culminância é uma escala fechada, pois, após a culminância, a eventualidade cessa. Assumimos que os modificadores de grau como “pouco” e “muito” podem operar sobre qualquer tipo de escala, e, portanto, atuam também sobre escalas aspectuais. Uma vez que defendemos que “pouco” seleciona escalas abertas, esperamos que ele selecione as dimensões aspectuais que apresentem essa característica, e que seja incompatível com aquelas que não têm grau ou que constituem escalas fechadas. Detalharemos essa abordagem logo mais.

Antes de prosseguir, precisamos dizer que, assim como ocorre com os adjetivos, que se dividem em com ou sem graus, também há verbos que são inerentemente, lexicalmente graduais, ao lado de núcleos de SVs que não entram na derivação sintática já com gradabilidade em sua denotação. Começaremos tratando da leitura descrita na GT como de intensidade, que é a produzida quando “pouco” modifica um predicado verbal inerentemente escalar.

Segundo Gomes (2018), que se baseou em Fleischhauer (2016), há eventualidades escalares por sua natureza semântica. Alguns verbos são escalares por denotarem emissão de substância mensurável, produzindo luz, som, água etc. (“vazar”, “chorar”, “iluminar” etc.), outros por herança da escala adjetival presente em sua base (“esquentar”, “esfriar” etc.), outros pela característica do movimento (direcionalidade) que lexicalizam

(“subir”, “elevar” etc.). Verbos psicológicos como “amar”, “gostar de”, “apreciar”, “divertir”, “temer”, “assustar” vão fornecer escalas sobre a profundidade/intensidade do sentimento/sensação. Verbos incrementais, de consumo ou criação, também fornecem escalas naturais (“comer”, “beber” etc.), dado o fato de a relação parte-todo e as dimensões fixas da entidade referida por seu complemento fixarem uma progressão gradual para o (des)aparecimento de determinado(s) indivíduo(s). Verbos incrementais como “salgar”/“adoçar” indicam acúmulo de sal/açúcar sobre o alimento/ a bebida denotada pelo argumento interno do verbo: quanto mais tempo durar o episódio de “salgar”/“adoçar”, maior será o tanto de sal/açúcar encontrado no alimento/ na bebida que é o argumento interno do verbo. Há mais verbos incrementais, que descrevem atividades escalares em quantidade (“cavar”, “empilhar”, “juntar” etc.), pelo acúmulo crescente de (sub)produtos. Há eventualidades, ainda, que podem ganhar uma leitura de grau pelo nosso conhecimento enciclopédico ou de mundo sobre elas. Por exemplo, o nosso conhecimento sobre a contribuição apropriada numa conversa permite dizer que alguém “falou demais” em uma situação, por esse falante ter deixado escapar informações que deveriam ter sido mantidas em segredo.

Não é possível listar todos os verbos que geram leitura de intensidade, porém, essa leitura se dá a partir de uma de duas fontes: ou a lexical ou a pragmática. Há verbos graduais que apresentam argumento com grau extremo (máximo) da propriedade. Nossa análise pressupõe que “pouco” não combine com esse tipo de verbo.

- (15) a. João gosta pouco de pagode. (grau não-máximo)
- b. João adora (*pouco) pagode. (grau máximo)
- c. João odeia (*pouco) pagode. (grau máximo)
- d. João detesta (*pouco) pagode. (grau máximo)

Dado que a leitura de intensidade depende da entrada lexical do verbo, cumpre observar que os verbos de grau não-máximo sempre apresentam escalas abertas (“O navio afundou pouco”, “O corte sangrou pouco”, “A água esquentou pouco” etc.). Isto posto, queremos avisar que a leitura de intensidade não será mais considerada neste trabalho, porque independe do aspecto gramatical e não se relaciona com os aspectos propostos por Vendler (1957). O ponto mais interessante no domínio verbal é o tipo de escala associada a certas dimensões aspectuais bastante

discutidas na literatura (a esse respeito, ver, por exemplo, o apanhado feito em Wachowicz e Foltran (2006)). É dessas dimensões aspectuais que vamos tratar agora. Só a seleção semântica de “pouco” explica sua distribuição por SVs com dimensões aspectuais escalares. Para a análise proposta, vamos precisar distinguir entre as classes acionais propostas por Vendler (1957). As classes acionais dividem os verbos a partir de sua acionalidade ou aspecto lexical. A classificação foi proposta de acordo com a interação dos verbos com esquemas de tempo (time schemata); posteriormente, as classes apontadas por Vendler foram distinguidas umas das outras por algumas características apontadas como traços semânticos de SVs, tais como “mudança de estado”, “duração”, “telicidade” ou “culminância”, “progressão para a culminância” e a possibilidade de gerar leitura iterativa ou de frequência. São essas as dimensões aspectuais que consideramos neste trabalho.

Segundo Vendler (1957), o aspecto lexical dos sintagmas verbais é depreendido de quatro divisões: (i) estados – têm duração, mas não têm culminância intrínseca (podem ser permanentes, como “Dois mais dois são quatro” ou provisórios, como “Estou com fome”) e resistem ao perfectivo (*“Dois mais dois foram quatro”); (ii) atividades – têm duração, não têm culminância intrínseca (“João dorme”), mas o aspecto perfectivo coloca um fim a essa eventualidade (“João dormiu”); (iii) *accomplishments* – têm duração (e etapas diferentes – apresenta subeventos heterogêneos – “preparar o almoço” inclui etapas distintas, como lavar o arroz, refogar o arroz, temperar o frango, assar o frango etc.) e também têm culminância intrínseca (a eventualidade de “construir uma ponte” em “O engenheiro construiu uma ponte” não pode continuar depois de a ponte ficar pronta); e (vi) *achievements* – não têm duração, pois são pontuais, e apresentam culminância intrínseca (em “João ganhou a corrida”, a vitória de João se dá no instante em que ele atravessa a linha de chegada, e a eventualidade não pode mais prosseguir daí em diante).

Como já foi bem estabelecido na literatura (cf. WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006, entre outros autores), a classe acional não é própria dos verbos em isolamento; na verdade, o que é classificado é o Sintagma Verbal, com o complemento verbal incluído. Há testes já consagrados para identificar a classe acional de um SV. Estados não servem de resposta a perguntas com o verbo “fazer” (DOWTY, 1979), que requer agentividade (16); não entram no imperativo (17) (DOWTY, 1979), e não coocorrem com advérbios “deliberadamente”, “cuidadosamente” (DOWTY, 1979) (18) nem com “lentamente” (van VALIN JR., 1998) (19):

- (16) O que você está fazendo?
a. Estou estudando.
b. * Estou sendo brasileira.
- (17) a. Fique quieto!
b. # Sinta fome!
- (18) * João é deliberadamente estrangeiro.
- (19) * João gosta lentamente de viajar.

Segundo Dowty (1979), as atividades coocorrem com advérbio “por X tempo”, coocorrem com advérbios “deliberadamente”, “cuidadosamente” e a sentença no progressivo com o advérbio acarreta que a ação aconteceu:

- (20) a. Maria caminhou por duas horas.
b. Maria caminhou cuidadosamente.
c. “Maria estava caminhando” implica “Maria caminhou um pouco”.

Para identificar *accomplishments*, Dowty (1979) indica que o SV ocorre com advérbios do tipo “em X tempo”, que o progressivo não acarreta que a ação se deu, e que após a modificação por “quase” há duas interpretações:

- (21) a. Maria pintou o quadro em dois dias.
b. Maria estava pintando o quadro. (Não significa que ela terminou o quadro.)
c. Maria quase pintou o quadro. (A primeira interpretação é de que Maria não começou a pintar o quadro, e a segunda é a de que Maria começou a pintá-lo, mas não terminou.)

Com *achievements*, construções com “por” soam estranhas; e *achievements* não são aceitáveis com “parar”, e o advérbio “quase” não deixa a sentença ambígua:

- (22) a. * João chegou por poucos minutos.
 b. * João parou de chegar.
 c. João quase chegou. (Única leitura: ele estava vindo, mas a eventualidade não culminou)

Uma vez mostrados os modos consagrados de distinguir entre as classes acionais, que utilizamos para classificar as classes acionais dos SVs modificados ou não por “pouco”, podemos falar agora em propriedades de eventos ligadas a cada uma delas. Os estados e as atividades têm duração, mas não têm uma culminância intrínseca, isto é, não possuem um ponto final definido, podendo se prolongar indefinidamente. Se “João gosta de chocolate” (estado), isso pode nunca mudar. Se “João corre” (atividade), não há um tempo previamente determinado para essa corrida acabar. Quanto aos *accomplishments*, eles também apresentam duração, como os estados e atividades; o que os distingue é que apenas os *accomplishments* apresentam também culminância. Quanto aos *achievements*, eles têm culminância, mas não duração.

Dissemos que modificadores de grau operam sobre dimensões aspectuais escalares. Resta saber se essas propriedades (duração, culminância) são ou não escalares, e se há outras dimensões de eventualidades que possam se manifestar em certas classes acionais, mas não em outras. A proposta de Kennedy e McNally (2005) se limitou às estruturas graduáveis dos adjetivos, mas trabalhos como o de Sanchez-Mendes (2015), Gomes (2018), Gomes e Sanchez-Mendes (2015) e Delduque (2018) realizam a transposição de características das escalas de Kennedy e McNally (2005) para as classes acionais de Vendler (1957). Defendemos que “pouco” é sensível à natureza escalar das dimensões aspectuais dos SVs, modificando escalas abertas, mas não podendo modificar escalas fechadas. Algumas propriedades ou dimensões associadas na literatura (a esse respeito, ver o resumo apresentado em Gomes (2018)) ao aspecto verbal são: frequência, que é uma pluralidade de episódios (ex. “Fui pouco ao cinema este mês” pode ser interpretada como “O número de vezes em que estive no cinema este mês é menor do que o esperado”), duração (ex. “Corri pouco hoje” pode ser interpretada como “A duração da corrida de hoje foi menor do que a esperada”) e mudança de estado e culminância ou telicidade (ex. “Cheguei (*pouco) na escola agora” – veremos que “pouco” não pode modificar essa dimensão

escalar aspectual, por ser uma escala fechada: a culminância é o grau máximo de eventualidades télicas).

Frequência sempre aceitará “pouco” (ex. “João viaja pouco”), por ser uma escala aberta: não há um teto, um número máximo de vezes para os episódios contidos num recorte indefinido de tempo: acima de duas vezes, qualquer quantidade naquele período serve. Os estados não podem apresentar leitura de frequência porque não apresentam mudança de estado, e, portanto, não podem denotar episódios culminados, o que impede que sejam lidos como múltiplos episódios. Por isso, nunca teremos um estado modificado por “pouco” com leitura de frequência. Duração medida é uma dimensão aberta, mas também essa leitura não está disponível para “pouco” modificando estados.

Hipotetizamos que a duração medida é uma dimensão de eventualidades que podem culminar; ela vale para atividades, mas não para estados, assumindo Gomes (2018). Como estados não culminam, não sobrou para os estados nenhuma dimensão aspectual sobre a qual um modificador de graus possa operar. Esperamos então que só estados com verbos inerentemente graduais possam ser modificados por “pouco” (ex. “Ele sabe pouco disso”). As hipóteses se sustentam: até onde sabemos, nenhuma leitura de frequência ou duração medida produzida pela modificação de um estado por “pouco”:

- (23) a. Baleias são (*pouco) mamíferos.
 b. Pedro é (*pouco) mudo.
 c. O livro está (*pouco) sobre a mesa.
 d. A panela já está (*pouco) no fogo.
 e. Eles têm (*pouco) uma dívida para conosco⁵.
 f. No Brasil, (*pouco) existem aproximadamente 20 espécies de pulga.
 g. Antes de ser anexado ao Brasil, o estado do Acre (*pouco) pertencia à Bolívia.
 h. O Brasil (*pouco) faz fronteira com a Argentina.

⁵ Por sugestão de um parecerista anônimo, a quem muito agradecemos, acrescentamos, aos exemplos de (23a) a (23d), que trazem estados com verbos de ligação, os exemplos de (23e) a (23i), com SVs de estado com núcleos verbais que não são intrinsecamente graduais, para mostrar que o fenômeno não é restrito a predicados nominais.

- i. Pedro (*pouco) entende perfeitamente que o momento não é propício para isso.
- j. Ele (*pouco) mora atualmente em um hotel.
- k. Rio Claro (*pouco) se localiza no interior de São Paulo
- l. Alérgicos, cuidado: este produto (*pouco) contém glúten.

O estado em (23a) pode ser salvo na leitura de que o grau de “mamiferice” da espécie baleia é menor que o de uma vaca, por exemplo, por aquela ser um representante menos típico dos mamíferos que esta última; tratando-se de uma questão de grau de tipicidade na representação da classe dos mamíferos, essa leitura não é semântica, mas pragmática. Não obstante, também nela “pouco” introduz uma comparação de inferioridade, mostrando que sua semântica é sempre a mesma. Porém, se quisermos deixar de lado a pragmática e omitir essa interpretação, se partirmos da interpretação mais comum da sentença sem “pouco”, que é “a baleia é um subconjunto do superconjunto dos mamíferos”, não há como a inserção do redutor ser interpretada como diminuindo o tempo em que isso ocorre (leitura de duração menor de a baleia ser um mamífero que o ideal) nem como frequência baixa (a baleia é um mamífero menos vezes do que se esperaria). Se a sentença (23a) é genérica, a (23b) é específica: o sujeito “Pedro” é um indivíduo único e específico. Novamente, para (23b) não aparece a interpretação de que a frequência com que Pedro é mudo é pequena, nem a de que a duração da mudez dele (numa certa vez) é pequena. Quanto a (23c), “pouco” não pode levar a entender que o livro passou um tempo menor sobre a mesa do que o esperado (leitura de duração), nem que esteve naquele lugar menos vezes do que devia (leitura de frequência). Também para (23d), a inserção de “pouco” não produz o sentido de que a panela ficou um tempo curto no fogo (duração) nem de que ela foi poucas vezes ao fogo durante certo período (frequência).

Não há grau lexical nos verbos em (23e) (ou a dívida foi contraída ou não), nem em (23f) (ou existem essas espécies no Brasil ou não), nem em (23g) (ou bem a Bolívia era a proprietária do Acre ou não era), nem em (23h) (ou os países são colados um no outro ou não), nem em (23i) (ou Pedro assim entende ou não), nem em (23j) (ou a pessoa reside lá ou não), nem em (23k) (ou a cidade fica naquele estado ou não fica), nem em (23l) (ou o produto têm glúten ou não tem). Os SVs de estado em (23) não são inerentemente graduais, daí a introdução de “pouco” depender

de haver uma dimensão aspectual escalar disponível. Mas esses SVs não oferecem escalas aspectuais sobre as quais “pouco” possa operar. Daí só podermos ter “pouco” em SVs de estado com verbos inerentemente graduais, como em “Eu sei pouco sobre esse tema”.

Chamamos a atenção para o fato de que, quando “pouco” é licenciado em SVs de estado, não são produzidas leituras de frequência, nem de duração medida. Por exemplo, “Eu sei pouco sobre esse tema” significa que “eu sei menos sobre esse tema do que outros sabem”, ou que “eu sei menos sobre esse tema do que sobre outros temas”, ou que “o tanto de conhecimento que eu tenho sobre o tema é menor que o ideal”, mas não pode significar que o número de vezes em que eu sei coisas sobre o tal tema é pouco (frequência), nem pode significar que a duração do tempo em que eu sei coisas sobre esse tema é pouca (leitura de duração).

As classes vendlerianas de mudança de estado são os *achievements*, os *accomplishments* e as atividades. Nas leituras de episódio singular (o evento aconteceu apenas uma vez), atividades não culminam (não são inerentemente télicas). Já *achievements* e *accomplishments* culminam. A culminância é considerada por Gomes (2018) a ponta fechada da escala, sendo uma dimensão escalar presente em *accomplishments* e *achievements* (télicos). Na falta de culminância, um SV apresenta escala aberta, semelhantemente aos adjetivos de escala aberta; as atividades são atélicas, e, portanto, apresentam escalas abertas. A duração é essa propriedade aspectual de escala aberta. Por quanto tempo o João correu/dormiu naquela ocasião? Não há um limite intrínseco. Por outro lado, uma vez que uma pessoa saiu do quarto, ela não pode continuar saindo do quarto; uma vez que bebeu toda a garrafa de água, não pode continuar a beber a mesma água.

Apresentamos neste ponto um resumo das dimensões aspectuais dos SVs mencionadas até aqui, e que seguem o mesmo esquema exposto em Gomes (2018) para explicar a distribuição de “muito” por SVs:

QUADRO 1 – Resumo das dimensões aspectuais consideradas

	duração	dinamismo	culminância	progressão para a culminância	frequência
estados	sim	não	não	não	não
atividades	sim	sim	não	não	sim, após medida
accomplishments	sim	sim	sim	sim	sim
achievements	não	sim	sim	não	sim

A duração (distância entre o momento do início e o momento de término do evento) só pode ser medida em classes aspectuais dinâmicas, ou seja, com mudança de estado. A introdução de um momento de término numa atividade torna a atividade, que já é iniciada, também culminada; por exemplo, “correr” em “João correu por 60 min” é uma eventualidade com duração medida, assim como “João correu por 3 km”. Isso equivale a dizer que a duração de um estado não pode ser medida, uma vez que não temos a marcação de um momento inicial para estados. A frequência também é dependente do dinamismo. Só eventualidades que culminam podem ter leitura de episódios, dado que a leitura de frequência é a leitura de episódios distintos espalhados por um intervalo de tempo aberto (p.ex. “João corre 3km toda semana”, “Maria é eleita representante da classe todos os anos”). Estados não podem gerar leitura de frequência por não culminarem (?*“Maria ama João todos os anos”). A progressão para a culminância depende de a eventualidade culminar (só *accomplishments* e *achievements* culminam) e de ter, também, duração interna (o que só se aplica aos *accomplishments*).

Sanchez-Mendes (2015) analisa “*pitat*”, da língua nativa brasileira Karitiana, que atua como um intensificador (modifica adjetivos) e também como um advérbio (modifica sintagmas verbais), como um modificador de graus, capaz de atuar sobre todos os tipos de escalas, sejam elas fornecidas pelo verbo ou pelo adjetivo. “Pouco”, diferentemente de “*pitat*”, seleciona escalas aspectuais abertas, não podendo modificar escalas aspectuais fechadas. Nossa previsão é a de “pouco” que não possa modificar SVs télicos. Vamos verificar se ela se confirma, começando pelo exame de “pouco” em *accomplishments*.

Verbos de *achievements* podem ser monoargumentais (“chegar”), mas os *accomplishments* costumam ser biargumentais e pedir complemento. É bastante conhecida na literatura (cf. DI SCIULLO; SLABAKOVA, 2005; DOETJES, 1997) a sensibilidade de *accomplishments* à natureza sintática do seu complemento. Se o complemento for um SD, teremos um SV *accomplishment*; se o complemento for um nome nu, teremos uma atividade, com o mesmo verbo. A troca do complemento SD por um nome nu, cumulativo, altera a telicidade, como vemos abaixo:

- (24) a. Ela pintou um quadro. (*accomplishment*)
 b. *Ela pintou quadro. (agramatical)
 c. Ela pintou quadros (ao longo da carreira). (atividade)
- (25) a. Pedro escalou a montanha. (*achievement*)
 b. *Pedro escalou montanha. (agramatical)
 c. Pedro escalou montanhas (neste ano). (atividade)

Os testes de combinação com “em *x* tempo” ou “por *x* tempo” mostrariam que só as sentenças com complemento SD são predicados téllicos em (24) e (25). Esses fatos mostram as condições da seleção semântica de “pouco”. Se predicados téllicos são escalas fechadas e predicados atélicos são escalas abertas, esperamos incompatibilidade de “pouco” com SVs téllicos lidos como um episódio único culminado. E esperamos que “pouco” sempre modifique os atélicos, como as atividades, atuando na dimensão da duração interna do evento, que permanece aberta. Esperamos que “pouco” nunca modifique *achievements*. E que só modifique verbos típicos de *accomplishments* na ausência de um complemento expresso, porque então o SV será na verdade uma atividade, e não mais um *accomplishment*. As atividades apresentam dimensões escalares aspectuais que são escalas abertas. De fato, é alta a produtividade de sentenças com “pouco” e transitivos sem o complemento nominal expresso, e é agramatical inserir pouco em SVs *accomplishment* (com complemento SD):

- (26) a. O homem comeu (*pouco) o bolo inteiro em um dia.
 b. O engenheiro construiu (*pouco) um prédio em dois anos.
 c. Eu pinte (*pouco) a parede inteira em duas horas.

Os *accomplishments* com verbos transitivos, cujos complementos estejam na forma de SDs (ver 26a, 26b, 26c, acima, e 27a, abaixo) exibirão grau máximo da progressão em direção à culminância. Nesse caso, os SVs são télicos, e “pouco” é agramatical se inserido neles. Porém, se o complemento for um nome nu, não há leitura de episódio culminado. A leitura é de atividade, e “pouco” poderá entrar (27b, abaixo). É importante notar que, se inserirmos “pouco” num SV que era *accomplishment*, ou o complemento será um nome nu ou teremos de “derrubar” (eliminar) o complemento SD, como vemos em (27c), abaixo:

- (27) a. João bebeu (*pouco) duas garrafas de pinga em um dia. (*accomplishment*)
 b. João sempre bebeu pouco cachaça, mas muito cerveja. (atividade: leitura de frequência)
 c. Até que João bebeu pouco (*todo o estoque de cerveja) neste carnaval. (atividade)

Esses fatos comprovam nossa hipótese sobre a seleção semântica de “pouco”. Pelo fato de “pouco” não modificar escalas fechadas, ele não entra em *accomplishments* (mostramos que a retirada do complemento SD serve para tornar o SV numa atividade, que traz escala aspectual aberta) nem em *achievements*. No caso dos *achievements*, não há mudança de classe acional associada à presença ou não de complemento, nem, no caso de haver complemento, à sua natureza, se SD ou nome nu. Não havendo um mecanismo que transforme um *achievement* numa atividade, “pouco” será sempre agramatical com SVs *achievements*:

- (28) a. Ela chegou (*pouco) à faculdade às 10 horas hoje.
 b. Ela chegou (*pouco).

Zwarts (2005) aponta que verbos de movimento são atividades quando o *Path* (destino) não está expresso (29a). Se um SD realiza o alvo (ponto de chegada) do movimento, estamos diante de um predicado télico (29b). Como previsto, “pouco” só modifica atividades:

- (29) a. Maria andou pouco (desta vez).
 b. Maria andou (*pouco) 2km/ 3 quarteirões ontem.

Nas sentenças (29), só é possível ter “pouco” quando o SD complemento (ou que mede o Path, o trajeto, gerando a progressão para a culminância) não é pronunciado. “Pouco” só pode ser inserido no predicado verbal se o SD complemento (que mede o Path) for apagado. Esse fenômeno ocorre pela s-seleção de “pouco”, como decorrência da aversão de “pouco” a graus máximos.

Outro tipo de SV que mostra bem como está correta a nossa hipótese é o chamado *Degree Achievement*. *Degree Achievements* são sempre SVs inerentemente escalares, por conterem verbos cuja base formante é um adjetivo de grau (KENNEDY; LEVIN, 2008). Eles são ambíguos entre leituras atélicas e leituras télicas. Por exemplo, se um enólogo quer servir o vinho tinto indicado por ele quando a bebida estiver a exatamente 15° C, num dia de calor no Rio, e depois de 10min na geladeira alguém lhe pergunta se o vinho já esfriou, o enólogo vai negar, pois o vinho, que passou da temperatura ambiente de 30 graus para 22 graus, ainda não chegou a 15 graus. Ao atingir essa temperatura, o grau desejado foi atingido, um grau limite, máximo, e isso pode ser expresso por “O enólogo esfriou o vinho” (leitura télica: o vinho chegou aos desejados 15 graus). A mesma sentença pode ser dita quando o vinho passa de 30° C a 22° C, mas nesse caso a sentença é atélica: significa que o vinho está mais frio do que antes, mas não que chegou a um ponto predestinado. Inserir “pouco” num SV *Degree Achievement* é sempre possível, mas só produz leituras atélicas. O resultado da modificação de SVs por “pouco” é previsível: o grau atribuído ao elemento modificado diminui notavelmente, mas não atinge o grau estabelecido como alvo. Observaremos por meio da realização de paráfrases (30b, 30c) a comparação implícita realizada por “pouco”:

- (30) a. O vinho esfriou pouco.
- b. “O grau de temperatura do vinho abaixou, mas o grau atual ainda é menor do que a desejado pelo enólogo” (leitura atélica)
- c. # “A temperatura do vinho chegou ao grau desejado e esse grau é menor do que um parâmetro contextual” (leitura télica).⁶

⁶ A paráfrase oferecida em (30c) é logicamente contraditória, pois a temperatura do vinho não pode ser ao mesmo tempo igual ao parâmetro desejado (15 graus) e também menor que esse parâmetro. A leitura atélica exige uma comparação de igualdade, e “pouco”

Como vimos, “pouco” sempre seleciona e produz escalas abertas em SVs. Além disso, o resultado da modificação de SVs por “pouco” é previsível: o grau atribuído ao elemento modificado é inferior ao de um padrão tirado do contexto, e nunca atinge o máximo. A leitura de um sintagma modificado por “pouco” é sempre a de uma comparação de inferioridade implícita, como podemos observar por meio da realização de paráfrases:⁷

- (31) a. Maria salgou pouco a sopa.
 b. “O grau de quantidade de sal colocado por Maria na sopa está consideravelmente abaixo ao parâmetro considerado como o ideal”
- (32) a. Maria estuda pouco.
 b. “O grau de estudo de Maria está consideravelmente abaixo do ideal para ser aprovada no vestibular”.
- (33) a. João bebe pouco.
 b. “O grau de quantidade de bebida consumida por João é menor que o a média”.

Esse tipo de paráfrase será válido para qualquer boa sentença com “pouco” modificando um SV. Os requerimentos de que o grau exibido pelo argumento do predicado verbal modificado seja inferior a um parâmetro, e, ainda, de que seja não-máximo, são parte das condições de verdade de uma sentença com “pouco” em SV. Então, considerando que “pouco” seleciona escalas onde possa marcar vagamente um grau não-máximo, abaixo do parâmetro de comparação, o produto de sua

produz uma comparação de inferioridade. Ambas as comparações são inconciliáveis, não podem ser verdadeiras simultaneamente.

⁷ Agradecemos a um parecerista anônimo que nos apontou que o exemplo (31a) é um *accomplishment*. Por isso mesmo, gostaríamos de frisar que “salgar” e “adoçar” são verbos incrementais, inerentemente graduais. Eles já vêm do léxico com grau, na linha de Fleischhauer (2016); se o verbo for lexicalmente de grau, sua classe acional não fará diferença. Crucialmente, não é sobre uma escala aspectual que “pouco” está operando nesse exemplo, mas sobre a escala de quantidade de sal ou açúcar acumulados como resultado da eventualidade, componente inseparável do significado de “salgar” / “adoçar”.

modificação é previsível. Assim explicamos por que “pouco”, sempre que o verbo não for lexicalmente escalar, em sentenças com leitura de episódio singular, modificará apenas SVs da classe acional de atividades. “Pouco” está permanentemente banido de SVs *achievements* e de *accomplishments* a que falte um *núcleo* inerentemente escalar, se a leitura não for de frequência. Os SVs de estado que não forem inerentemente graduais não serão jamais modificados por “pouco”. A razão é uma só: “pouco” opera apenas sobre escalas abertas, mesmo nas dimensões aspectuais. Veremos a seguir como essa análise se aplica à distribuição de “pouco” no domínio nominal.

4. “Pouco” no domínio nominal

Também no domínio nominal há itens lexicais inerentemente graduais (nomes de sentimentos, sensações, escalas etc.); “pouco” pode modificar trivialmente todos eles:

- a. João tem pouco amor à vida.
- b. Maria tem pouco interesse por filmes.
- c. A pouca disponibilidade de horários é um problema.
- d. Fez pouco frio/calor hoje.

Porém, a maior parte dos nomes não é inerentemente escalar. Para esses, é a dimensão da quantidade que vai proporcionar escalas. Novamente, prevemos que as escalas abertas possam ser modificadas por “pouco”, e as fechadas, não. Veremos como isso explica por que a modificação por “pouco” não é licenciada em todos os sintagmas nominais abaixo:⁸

(35) *O pouco gato miou.

- (36) a. Poucos alunos já ficaram reprovados nessa matéria.
b. Pouco aluno já ficou reprovado nessa matéria.

⁸ Dados de Delduque (2018).

- (37) a. Dois alunos já ficaram reprovados nessa matéria.
b. *Dois poucos alunos já ficaram reprovados nessa matéria.
- (38) a. Os poucos alunos desta disciplina faltaram hoje.
b. Os alunos dessa disciplina eram poucos.
- (39) a. A pouca comida que eles tinham se acabou.
b. Eles tinham pouca comida.
- (40) a. Os alunos eram muito poucos/ bem poucos.
b. *Os alunos eram poucos três.
- (41) a. Sobrou pouca farinha depois de fazer o bolo.
b. *Sobrou a pouca farinha.

Explicaremos esses fatos dividindo as escalas de quantidade em abertas e fechadas. Nomes que não apresentam grau em sua entrada lexical podem ser modificados na dimensão de quantidade, que tem leitura de volume ou de cardinalidade. Se a quantidade nominal for tratada como uma escala, então a cardinalidade exata e o volume delimitado são escalas fechadas, pois tomam o grau máximo de quantidade do elemento no contexto; já a cardinalidade vaga e o volume não mensurado são escalas de quantidade aberta. Como mostramos, apenas em leitura de cardinalidade exata não é possível modificar nominais com “pouco”. Na cardinalidade exata, há um teto que permite dizer exatamente quantos são os indivíduos membros daquela pluralidade, o que corresponde a um grau máximo. Assumimos com Barner e Snedeker (2005) que nomes massivos têm preferencialmente leitura de volume, e nomes contáveis, preferencialmente leitura de cardinalidade. Defenderemos aqui que a sintaxe dos sintagmas nominais do PB importa, conforme Gomes e Sanchez-Mendes (2018). Vamos esmiuçar os exemplos.

Nomes singulares nus contáveis, como “aluno”, em (36b), não são lidos como exatamente um aluno, nem como exatamente 3: esse nominal pode se referir a absolutamente qualquer número de alunos. A isso chamamos “cardinalidade aberta”. Se apenas um aluno foi reprovado na matéria nos últimos 5 anos, podemos usar (36b) para descrever isso. Também podemos usar (36b) no caso de 30 alunos terem sido reprovados, desde que esse número esteja abaixo do esperado. O mesmo nominal pode

se referir a qualquer tanto de alunos, mas uma vez que “pouco” esteja presente na sentença, vamos entender que, seja qual for a quantidade de reprovados, ela é menor que um parâmetro contextual.

Plurais nus como “alunos”, em (36a), não podem fazer referência a um único indivíduo, e é isso que os distingue do singular nu “aluno”, de (36b). Plurais nus têm um limite mínimo de quantidade (referem-se a dois indivíduos ou mais), mas não apresentam um limite máximo. Também podemos usar (36a) no caso de 30 alunos terem sido reprovados, desde que esse número esteja aquém do esperado. Ou no caso de 2 alunos terem sido reprovados, desde que essa quantidade esteja abaixo do parâmetro de comparação. Plurais nus, assim como singulares nus, com nomes contáveis como núcleo, são cardinalidades abertas, escalas de quantidade sem grau máximo. Portanto, “pouco” sempre poderá modificar nominais nus, dado que as escalas de quantidade associadas a eles são abertas.

É diferente quando tratamos de sintagmas de determinante (SDs), como em (35): “o gato” é um SD singular que pode fazer referência a exatamente um indivíduo, nem mais, nem menos. Não podemos usar (35) para falar de dois ou três gatos. Como há um grau máximo de quantidade em SDs singulares, que denotam cardinalidades exatas, “pouco” fica agramatical como modificador e grau, uma vez que essa é uma escala fechada. Por isso não podemos dizer “(*Pouca) a mãe dele chegou”, nem “A (*pouca) mãe dele chegou”, ou “(*Pouco) o carro quebrou” nem “O (*pouco) carro quebrou”. Tanto SDs singulares quanto SDs plurais com núcleos contáveis denotam cardinalidade exata.

Vemos em (37) que ou o cardinal “dois” ou o modificador “poucos” pode estar presente, mas ambos não podem coocorrer. Por isso não podemos dizer **“João escreveu poucas aquelas cartas”* nem podemos dizer **“Poucos os alunos desta disciplina faltaram hoje”*. Porém, podemos perfeitamente dizer *“João escreveu aquelas poucas cartas”* ou, como em (38a), *“Os poucos alunos desta disciplina faltaram hoje”*. Isso ocorre porque “poucos” em (38a), interno ao SD, ensanduichado entre o determinante e o nome, é um adjetivo. A mesma posição seria assumida por outro adjetivo, como “infelizes”. Teríamos a seguinte versão equivalente a (38a): *“Os infelizes alunos desta disciplina faltaram hoje”*. Que essa função é de adjetivo fica claro em (38b), em que “poucos” é o predicado da sentença. Vamos procurar deixar mais clara a diferença de interpretação entre “pouco” adjunto nominal (adjetivo) e

“pouco” modificador de graus, dando uma paráfrase a (36a) e a (38a), respectivamente retomados como (42a) e (43a):

- (42) a. Poucos alunos já ficaram reprovados nessa matéria⁹.
 b. O número de alunos que já ficaram reprovados nesta matéria é menor que o parâmetro contextual (do que o número de reprovados em outras matérias, por exemplo).
- (43) a. Os poucos alunos desta disciplina faltaram hoje.
 b. # O número de alunos desta disciplina que faltaram hoje é menor do que o parâmetro contextual (que o número de faltantes em outras disciplinas, por exemplo).
 c. Os alunos desta disciplina são poucos e todos eles faltaram hoje.
 d. O número de alunos desta disciplina é menor do que o esperado. Esses alunos faltaram hoje.

O fato de podermos parafrasear (36a = 42a) como (42b), mas não podermos parafrasear (38a=43a) como (43b), é revelador. As paráfrases em (43c) e (43d) sim, são apropriadas para (38a=43a), em que “pouco” se refere ao número de alunos que frequenta a disciplina, mas não ao número de alunos que faltaram. Dentro do SD sujeito, o adjetivo “pouco” não tem escopo sobre o predicado sentencial; mas quando não há um determinante que o domine, como em (36a) (= 42a), o modificador de graus “pouco” indica que a quantidade de participantes da eventualidade “faltar” é uma quantidade de escala aberta. Ou seja, em (38a)(=43a) temos uma dupla predicação: a quantidade de alunos da classe é menor do que um parâmetro contextual, mas a classe como um todo faltou hoje, ou seja, não está disponível a leitura de que, na mesma classe, foram poucos os alunos faltantes em relação aos alunos presentes hoje. A leitura proporcional está disponível para (36a = 42a) (comparando o número de reprovados aos não reprovados), mas não para (38a=43a) (comparando o número de alunos presentes aos que faltaram). O escopo de “pouco” muda sensivelmente.

Em (39), vemos um SD cujo núcleo é um nome massivo; a dimensão de quantidade será de volume medido, e não a cardinalidade. Vemos em (39a) “pouco” adjetivo interno ao SD, oferecendo uma

⁹ Dados de Delduque (2018).

paráfrase parecida com a dada para (38a=43a), que seria a seguinte: o tanto de comida que tínhamos era menor que o desejável e essa comida acabou (novamente, uma dupla predicação, em que não está disponível a leitura proporcional). Mas em (39b) temos uma leitura de modificador de grau para o complemento, que é um nome nu com núcleo massivo. A paráfrase para (39b) é que o tanto de comida em posse deles é menor que o tanto desejável.

O dado em (40a) mostra que “pouco” concorda com o nome em número, como um adjetivo, e que pode ser modificado por um outro modificador de graus: “muito poucos”/ “bem poucos”, significando que o número deles é bastante reduzido. Essa diferença acontece com cardinais/ numerais, que podem aparecer no lugar de determinantes (“Dois alunos faltaram”) ou como adjetivos (“Os dois únicos alunos da turma faltaram”), e também como predicados (“Os alunos dessa turma são dois”). A distribuição de “pouco” no domínio nominal é parecida. Observe-se que mesmo que se considere que três alunos é pouco para uma classe, podemos dizer “Três alunos é muito pouco”, “Os alunos da classe são três”, mas não podemos dizer **“Os alunos eram poucos três”*: (40b) é agramatical por conflito na modificação da escala de quantidade, dado que os cardinais expressam cardinalidades exatas, que são escalas fechadas, e “pouco” expressa exclusivamente quantidades de escala aberta. Ora, a quantidade de alunos (ou de qualquer coisa) numa dada situação não pode ser ao mesmo tempo uma escala aberta e uma escala fechada.

Em (41), vemos o contraste entre um nome nu com núcleo massivo e um SD com núcleo massivo. A sentença (41a) é bem formada porque a leitura é de que algum volume de farinha indefinido (uma quantidade vaga, em volume) ainda resta após outro tanto ter sido empregado. A paráfrase adequada é: o tanto de farinha que restou é menor do que o ideal. Mas em (41b) temos o SD “a pouca farinha”, que combina certo volume definido de farinha (aquele tanto que eu armazenei no início da semana) com o adjetivo “pouco”. A dupla predicação ficou mais difícil de ser construída. Mas, se acrescentarmos uma relativa, a sentença resultará perfeita: “[Depois de feito o bolo], sobrou apenas a pouca farinha que você escondeu ontem”. Aqui há dois predicados: o tanto de farinha correspondente ao total do que foi escondido é pouco e foi esse total que sobrou [após a feitura do bolo].

Para podermos nos debruçar melhor sobre a s-seleção do modificador de graus, vamos deixar de lado neste trabalho o uso adjetival de “pouco”, que funciona como uma dupla predicação (parafraaseável por um período coordenado) e não determina quantos são os participantes da eventualidade atrelada ao predicado sentencial, e nos concentrar nos casos em que “pouco” é o único elemento à esquerda do nome, funcionando como um quantificador generalizado, nos termos de Barwise e Cooper (1981): determinando a quantidade de participantes na eventualidade principal da sentença.

Defendemos que “pouco” introduz uma comparação de inferioridade implícita. Seguindo a tradição dos julgamentos de quantidade de Barner e Snedeker (2005), os nomes podem receber leitura de volume (geralmente, os massivos) ou de cardinalidade (de modo geral, contáveis e “falsos massivos”, como “móbia” e “gente”, em que o aumento em quantidade reflete o aumento no número de indivíduos pertencentes ao conjunto, ou seja, ao número de móveis no conjunto denotado por “móbia” e ao número de pessoas no conjunto denotado por “gente”).

Em PB, segundo Gomes e Sanchez-Mendes (2018), os nomes de massa resistem a ser pluralizados, em consonância com o que a literatura aponta para as línguas naturais em geral; na nossa língua materna, há nomes massivos e contáveis em estrutura de singulares nus, mas os plurais nus somente apresentam como núcleo nomes contáveis (com leitura de pluralidades cardinais, sem grau máximo). Todos os nomes nus do PB, sejam singulares (como em (44), abaixo) ou contáveis (como em (45), abaixo) apresentam escalas de quantidade aberta, sem limite superior, haja visto que não temos como precisar a quantidade de poeira, chocolate ou cadeiras nas sentenças (44) e (45). A operação de contagem necessita de um domínio delimitado, ou seja, assumimos com Kennedy (2013) que atribuir uma cardinalidade exata a um tanto de indivíduos requer um supremo, isto é, a identificação de uma quantidade máxima desse tipo de indivíduo na situação dada. Como não há supremo na denotação de nomes nus singulares ou plurais, eles não podem apresentar uma cardinalidade exata. Por outro lado, visto que volume e cardinalidade aberta são escalas sem grau máximo, prevemos que seja possível modificar esses nomes com “pouco”; de fato é, como vemos em (46a) e (47a), cujas interpretações por contribuição do modificador de graus estão respectivamente em (46b) e (47b):

- (44) Tinha poeira no móvel. (volume)
- (45) Tem cadeiras na sala. (cardinalidade)
- (46) a. Tinha pouca poeira no móvel. (volume)
b. O tanto de poeira no móvel é menor que o esperado. (volume)
- (47) a. Tem poucas cadeiras na sala. (cardinalidade)
b. O tanto de cadeiras na sala é menor que o esperado (cardinalidade)

Como visto, a inserção de “pouco” é possível se a escala é aberta, mas “pouco” não altera a natureza da interpretação de quantidade associada ao nome: uma vez que o singular nu “poeira” (44) é interpretado em termos de volume, “pouca poeira” (46) também será interpretado em termos de volume; dado que “cadeiras” (45) é interpretado em termos de cardinalidade, “poucas cadeiras” (47) também é interpretado em termos de cardinalidade. Esse comportamento é paralelo ao discutido na seção 2, para os modificadores de grau, tradicionalmente exemplificado com “*very*”, “*much*” e “*well*” do inglês, que s-selecionam certo tipo de escala, não operando sobre os outros tipos, mas sem nunca alterarem a estrutura de escala original do adjetivo ao modificá-lo. No domínio nominal, tal como no domínio verbal, já discutido na seção anterior, “pouco” se comporta como um típico modificador de graus no domínio adjetival segundo a literatura (KENNEDY; MCNALLY, 2005). Isso está de acordo com a nossa proposta.

Já sintagmas de determinante produzem escalas fechadas de quantidade. A análise clássica do artigo definido, baseada em Link (1983), é a de que ele opera sobre o supremo, ou seja, sobre a maior soma possível de ser construída entre os indivíduos presentes na situação, indicando que o supremo completo participa da eventualidade denotada pelo predicado sentencial. Assim, as leituras de volume ou de cardinalidade serão de grau máximo. Vejamos:

- (48) A gasolina acabou. (volume)
- (49) Hoje não dei aula, porque os alunos faltaram. (cardinalidade)

- (50) a. A pouca gasolina que havia no carro acabou. (volume)
 b. Toda a gasolina que havia no carro acabou; também pudera, havia bem pouca gasolina no carro. (volume)
 c. # O tanto de gasolina no carro é menor que o esperado.
- (51) a. Hoje não dei aula porque os meus poucos alunos faltaram. (cardinalidade)
 b. Hoje não dei aula porque todos os alunos da minha turma, que são poucos, faltaram. (cardinalidade exata)
 c. # O número de alunos da minha turma é menor que o esperado.

Temos um tanto delimitado de gasolina em (48), aquele que estava dentro do tanque ao sairmos com o carro, e que foi gasto nessa saída. Trata-se de um volume delimitado, com grau máximo, e, portanto, de uma escala fechada. Consequentemente, “pouco” não pode ser inserido em (48) com a leitura de uma comparativa implícita de inferioridade, ou seja, (50a) não pode ser interpretada como (50c), mas apenas segundo o uso adjetival de “pouco”, como ilustrado em (50b), em que o predicado “acabar” incide sobre a totalidade do volume de gasolina que estava no carro, e “pouco” apenas qualifica a quantia de gasolina no carro anteriormente ao evento que gerou seu consumo como pequena. Também temos uma escala de quantidade fechada em (49), uma vez que o SD “os alunos” denota uma cardinalidade exata. Daí “pouco” não poder ser inserido em (49) com a produção de uma comparativa implícita de inferioridade, ou seja, daí (51a) não poder ser interpretado como (51c). A única interpretação possível para (51a) é aquela em que “pouco” é um adjetivo, como ilustrado em (51b), em que o predicado “faltar” incide sobre a totalidade dos alunos dessa turma, e o número total deles é qualificado como pequeno por “pouco” independentemente da contagem dos faltosos.

Distinguindo entre as leituras adjetival e quantificacional, podemos sustentar que “pouco” modificador de graus sempre produz uma comparativa implícita de inferioridade, e no domínio nominal s-seleciona escalas abertas de quantidade. O caso de SDs singulares com núcleo contável é ainda mais eloquente, uma vez que sequer a leitura adjetival pode ser produzida:

- (52) a. O (*pouco) carro bateu.
- b. A (*pouca) mãe dele telefonou.
- c. O (*pouco) gato miou.

Dado que as sentenças em (52) apresentam exatamente um indivíduo, seja carro, mãe ou gato, nem o modificar de graus encontra uma escala aberta para satisfazer sua s-seleção nem faz sentido dizer que um único indivíduo é pouco (daí não haver a leitura adjetival). Mesmo quando o SD singular tem núcleo massivo, a leitura mais saliente também é de um volume delimitado, portanto, de escala fechada, tornando a modificação por “pouco” inviável:

- (53) a. O (*pouco) café está amargo.
- b. A (*pouca) manteiga derreteu.
- c. O (*pouco) leite ferveu.

A única forma de licenciar “pouco” em SDs singulares com núcleo massivo é produzir a leitura adjetival com uma estrutura sentencial claramente complexa, com dois predicados, como vemos aqui:

- (54) a. O pouco café que eu fiz está amargo.
- b. A pouca manteiga que ficou fora da geladeira derreteu.
- c. O pouco leite que coloquei no fogo ferveu.

As sentenças em (54) certamente não trazem as leituras de comparação implícita de inferioridade que esperaríamos de “pouco” modificador de graus. Vemos que (55a) não é uma paráfrase para (54a), nem (55b) é uma leitura possível para (54b), assim como não podemos dar uma interpretação como (55c) para (54c).

- (55) a. # O tanto de café que está amargo é menor que o tanto que está doce.
- b. # O tanto de manteiga que não pusemos na geladeira é menor do que tanto guardado.
- c. # O tanto de leite que coloquei no fogo é menor do que o tanto que não coloquei.

Em resumo, propusemos nesta seção que as dimensões escalares disponíveis no domínio nominal são as de quantidade, seguindo a tradição de análise semântica de tratar os determinantes como quantificadores generalizados. Seguindo também a tradição semântica sobre a distinção massivo-contável, assumimos que essas escalas podem produzir leituras de volume ou cardinalidade. Considerando que escalas abertas não apresentam grau máximo, defendemos (cf. GOMES, 2018) que a estrutura sintática do nominal em PB é decisiva para a produção de uma escala de quantidade fechada. Nomes nus, sejam singulares ou plurais, tenham núcleo massivo ou contável, produzem sempre uma escala de quantidade aberta. Como previsto, “pouco” pode modificar qualquer nome nu argumental, seja singular ou plural. Quanto aos SDs do PB, neles podemos encontrar escalas fechadas, sejam de cardinalidade sejam de volume. O fato de “pouco” modificador de graus não ser gramatical em SDs singulares, ou de não poder produzir a leitura de comparativa implícita de inferioridade em SDs plurais, é uma consequência da s-seleção de “pouco”. Como já dissemos, há nomes inerentemente graduais (“calor”, “medo”, “dor”, “fé” etc.), que introduzem como parte de sua natureza lexical dimensões que são escalas abertas, e, por isso, “pouco” sempre vai poder modificá-los (p.ex.: “A pouca fé dele é impressionante”). Mas são os outros nomes, aqueles que não entram na sintaxe já com grau, que melhor mostram como opera a s-seleção do modificador de graus “pouco”. As dimensões escalares de nomes como “maçã”, “farinha”, “pedra”, “gente”, “aluno” etc. são de quantidade, subdividindo-se em cardinalidade e volume. A estrutura sintática define se haverá um grau máximo para a escala: nomes nus singulares apresentam volume e cardinalidade aberta, que satisfazem a s-seleção de “pouco”; mas SDs apresentam volume medido e cardinalidade exata, escalas com grau máximo, que não satisfazem a s-seleção de “pouco”.

5. Conclusão

Neste artigo, examinamos sentenças bem formadas, em que a inserção de “pouco” produz estranhamento ou agramaticalidade. Esses fatos foram explicados como uma consequência da s-seleção de “pouco”, por nós analisado como um modificador de graus que não faz seleção categorial, podendo ser encontrado em diversos domínios, como o adjetival, o nominal e o verbal. Em todos os domínios, o modificador de

graus “pouco” faz a mesma operação: produz uma comparativa implícita de inferioridade. Isso nos leva a postular que temos o mesmo operador de graus atuando da mesma forma em todos os domínios. Vimos que, no domínio verbal, “pouco” seleciona escalas aspectuais abertas, que são as dimensões de duração mensurada e de frequência. Por isso, “pouco” não modifica SVs de estado, a menos que sejam inerentemente escalares, ou seja, que já entrem na sintaxe com grau, pois estados não apresentam dimensões aspectuais escalares. Vimos também que a progressão para a culminância é uma dimensão aspectual de escala fechada, encontrada em *accomplishments*. Em *achievements*, que são instantâneos, a mudança de estado não progride gradualmente. Como escalas fechadas não atendem à s-seleção de “pouco”, em sentenças *once only*, isto é, com leituras de episódio único, “pouco” nunca poderá modificar as dimensões aspectuais atreladas às classes acionais *accomplishment* e *achievement*. Isso faz com que a classe acional atividade seja a forte favorita para modificação por “pouco” quanto a dimensões aspectuais, visto que apresenta sempre uma das duas propriedades aspectuais de escala aberta, a duração, e que pode ou não apresentar uma outra, a de frequência. Assim como há verbos inerentemente escalares, há nomes inerentemente escalares. “Pouco” modifica todos eles, por trazerem escalas abertas. Mas o que é realmente interessante no domínio nominal é o exame das escalas de quantidade. As dimensões de cardinalidade e de volume podem ou não apresentar grau máximo. A linha de corte é dada pela estrutura do nominal: nomes singulares nus e nomes plurais nus apresentam volume sem delimitação e cardinalidade aberta, atendendo à s-seleção de “pouco”; SDs apresentam volume delimitado e cardinalidade fechada, que não atendem à s-seleção desse modificador de graus. Isso explica a impossibilidade de serem geradas leituras de comparação de inferioridade implícita com a inserção de “pouco” em SDs. No caso dos adjetivos, “pouco” modifica todos os que são inerentemente graduais, todos os AGs. O que chama a atenção é o fato de que a semântica gradual estabeleceu que os AGs podem ser divididos em adjetivos de escala fechada e em escala aberta, mas “pouco” modifica os de escala aberta e também os de escala fechada. A s-seleção de “pouco” não descarta escalas fechadas no domínio adjetival, diferentemente do que acontece nos domínios nominal e verbal. Porém, mesmo no domínio adjetival, seja qual for a escala inerente ao adjetivo, “pouco” vai produzir com o adjetivo modificado uma escala aberta, correspondente a uma comparativa de inferioridade implícita. Em todos

os domínios, a modificação por “pouco” produz essa comparativa de inferioridade implícita, que é uma escala aberta. Para dar conta de não haver s-seleção no domínio adjetival, quando há clara s-seleção nos domínios nominal e verbal, lançamos mão da proposta de Gomes (2010), que diz que esse é um parâmetro semântico entre o português e o inglês: em inglês, há muitos determinantes especializados em nomes massivos (“*much sugar*” “muito açúcar”), e muitos especializados em nomes contáveis (“*many boys*” “muitos meninos”), enquanto em português a maioria dos determinantes modifica indiferentemente massivos e contáveis (“*much*” e “*many*” são traduzidos por “muito(s)”). Da mesma forma, os modificadores de grau do PB não apresentam seleção semântica como os do inglês, mas produzem com o AG modificado um tipo de escala único e previsível: “muito” + AG produz uma escala aberta que é uma comparativa de superioridade, “pouco” + AG produz uma escala aberta que é uma comparativa de inferioridade, “todo” + AG produz uma escala fechada na ponta superior, no grau máximo etc. Por força desse parâmetro, no domínio adjetival temos apenas o mesmo produto da modificação por “pouco”, em termos de escala, que no verbal e no nominal, enquanto nestes dois últimos temos também a incompatibilidade de “pouco” com escala fechada, gerando agramaticalidade. A análise aqui proposta indica que o modificador de graus “pouco” faz sempre a mesma operação em todos os domínios, e explica a sua distribuição em todos eles, fazendo previsões corretas. Todos os predicados inerentemente escalares podem ser modificados por “pouco”, sejam adjetivos, nomes ou verbos. Dimensões aspectuais (em SVs) e escalas de quantidade (em Sintagmas Nominais) são modificados, mas apenas se constituírem uma escala aberta.

Contribuição das autoras

Este artigo resulta da pesquisa de Iniciação Científica de Juliana dos Santos Delduque, com bolsa do CNPq, realizada sob a orientação de Ana Paula Quadros Gomes na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e de investigações correlatas, que se inserem no Projeto de Pesquisa “Semântica Formal”, no âmbito do Grupo de Estudos Semânticos do Português (GESP) (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3938420220241727). O levantamento das fontes bibliográficas foi feito por Ana Paula Quadros Gomes, tendo as obras selecionadas sido discutidas pelas duas autoras; a

coleta dos dados, sua sistematização e a descrição das propriedades das construções foram feitas primeiramente por Juliana dos Santos Delduque; ambas as autoras trabalharam conjuntamente na análise dos dados e na redação deste artigo.

Referências

BARNER, David; SNEDEKER, Jesse. Quantity Judgments and Individuation: Evidence that Mass Nouns Count. *Cognition*, [S.l.], v. 97, n. 1, p. 41-66, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2004.06.009>

BARWISE, Jon; COOPER, Robin. Generalized Quantifiers and Natural Language. In: *Philosophy, Language, and Artificial Intelligence*, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 241-301, 1981. Doi: https://doi.org/10.1007/978-94-009-2727-8_10

BOGAL-ALLBRITTEN, Elizabeth. Slightly Coerced: Processing Evidence for Adjectival Coercion by Minimizers. In: MEETING OF THE CHICAGO LINGUISTIC SOCIETY, 48th., 2012, Chicago. *Proceedings* [...]. Chicago: Chicago Linguist. Soc., 2012. p. 77-92.

DELDUQUE, Juliana dos Santos. Como se comportam “pouco” e “um pouco” modificando adjetivos?. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA, ARTÍSTICA E CULTURAL, 38., 2016. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. [Trabalho apresentado].

DELDUQUE, Juliana dos Santos. A modificação de sintagmas verbais por “pouco” e “um pouco”/ classes acionais de vps modificados por “(um) pouco”. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA, ARTÍSTICA E CULTURAL, 39., 2017. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. [Trabalho apresentado].

DELDUQUE, Juliana dos Santos. A modificação de nominais por “pouco”. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA, ARTÍSTICA E CULTURAL, 40., 2018. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. [Trabalho apresentado].

DELDUQUE, Juliana dos Santos; GOMES, Ana Paula Quadros. O que o modificador “pouco” mostra sobre as classes aspectuais do PB. I CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEMPO, ASPECTO E MODO, I, 2018, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. [Trabalho apresentado].

DI SCIULLO, Anne Marie; SLABAKOVA, Roumyana. Quantification and Aspect. In: VERKUYL, Henk J.; De SWART, Henriette; Van HOUT, Angeliek (Ed.). *Perspectives on Aspect*. Dordrecht: Springer, 2005. p. 61-80. Doi: https://doi.org/10.1007/1-4020-3232-3_4

DOETJES, Jenny Sandra. *Quantifiers and selection*. On the distribution of quantifying expressions in French, Dutch and English. Groningen: Holland Academic Graphics, 1997. (HLI Dissertations, 32)

DOWTY, David R. Word meaning and Montague Grammar: The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague’s PTQ. Dordrecht, Holland: D. Dordrecht: Reidel, 1979. (Studies in Linguistics and Philosophy). Doi: <https://doi.org/10.1007/978-94-009-9473-7>

DUCROT, Oswald. French “peu” and “un peu”. A Semantic Study. In: KIEFER, F.; RUWET, N. (ed.). *Generative Grammar in Europe*. Dordrecht: Springer, 1973. p. 178-202. Doi: https://doi.org/10.1007/978-94-010-2503-4_9

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística: (dizer e não dizer)*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FLEISCHHAUER, Jens. Degree Gradation of Verbs. Düsseldorf: Düsseldorf University Press, 2016. (Dissertations in Language and Cognition, 2)

GOMES, Ana Paula Quadros. The Structure of Gradable Adjectives in Brazilian Portuguese. In: SEMANTICS OF UNDER-REPRESENTED LANGUAGES IN THE AMERICAS – SULA, 5., 2010, Cambridge, MA. *Proceedings* [...]. Amherst, MA: GLSA - Graduate Linguistics Students Association, 2010. v. 41. p. 49-66.

GOMES, Ana Paula Quadros. Restrições aspectuais à distribuição do advérbio baixo “muito”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 1, p. 198-221, 2018. Doi: <https://doi.org/10.20396/cel.v60i1.8649885>

GOMES, Ana Paula Quadros; SANCHEZ-MENDES, Luciana. Degree modification in Brazilian Portuguese and in Karitiana. *ReVEL*, [S.l.], edição especial, n. 9, 2015. [www.revel.inf.br].

GOMES, Ana Quadros; SANCHEZ-MENDES, Luciana. *Para conhecer semântica*. São Paulo: Contexto, 2018.

HEIM, Irene. Little. In: SEMANTICS AND LINGUISTIC THEORY CONFERENCE, 16th., 2006, Tokyo. *Proceedings* [...]. Ithaca, NY: CLC Publications, 2007. p. 35-58. Doi: <https://doi.org/10.3765/salt.v16i0.2941>

KENNEDY, Christopher. A Scalar Semantics for Scalar Readings of Number Words. In: CAPONIGRO, I.; CECCHETTO, C. (ed.). *From Grammar to Meaning: The Spontaneous Logicality of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 172-200. Doi: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139519328.010>

KENNEDY, Christopher; LEVIN, Beth. Measure of Change: The Adjectival Core of Degree Achievements. In: McNALLY, L.; KENNEDY, C. (ed.). *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics, and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 156-182. (Oxford Studies in Theoretical Linguistics).

KENNEDY, Christopher; McNALLY, Louise. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1353/lan.2005.0071>

LINK, Godehard. The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms: A Lattice-Theoretical Approach. In: PORTNER, P.; PARTEE, B.H. (ed.). *Formal Semantics: The essential readings*, 1983. Oxford: Blackwell, 1983. p. 127-146. Doi: <https://doi.org/10.1002/9780470758335.ch4>

SANCHEZ-MENDES, Luciana. A modificação de grau no domínio verbal em Karitiana: Evidência para Escalas indeterminadas. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 125-147, 2015. Doi: <https://doi.org/10.20396/liames.v15i1.8641499>

Van VALIN Jr., Robert. A Brief Overview of Role and Reference Grammar. *Korean Journal of Linguistics*. Linguistic Association of Korea. 1998, 6. p. 235-272. Manuscrito disponível em: <http://www.acsu.buffalo.edu/~rrgpage/rrg/RRGpaper.pdf> (Último acesso em 1º.06.2018.)

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. *The Philosophical Review*, Durham, v. 66, n. 2, p. 143-160, 1957. Doi: <https://doi.org/10.2307/2182371>

WACHOWICZ, Teresa Cristina; FOLTRAN, Maria José. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 2, p. 211-232, 2006. Doi: <https://doi.org/10.20396/cel.v48i2.8637179>